

FAZENDO ESCOLA COM IMAGENS

Fazendo escola com imagens, colocando o pensamento em movimento

Janete Magalhães Carvalho



Como a criança aprende? Na escola, como em qualquer outro *espaçotempo*, a criança aprende experienciando. Por sua vez, se o aprender envolve a experiência, a experiência se manifesta em atos de pensamento. É pelo exercício do pensamento que uma criança se abre para a possibilidade de novas formas de expressão do pensar, para se comunicar através da linguagem verbal ou pictórica como o desenho. Deleuze (1988) parece propor-nos duas questões: O que é o pensamento? Em que medida é possível dar ao pensamento novos meios de expressão? Colocando-o em movimento. Conceber o pensamento em movimento significa superar a ideia do pensamento como imagem pré-constituída, já dada e naturalizada. Superar, assim, nas atividades escolares, a predominância do pensamento como imagem, ou seja, de um pensamento conformado a um modelo interpretativo previamente dado.



“Podemos denominar esta imagem do pensamento de imagem dogmática ou ortodoxa, imagem moral.” (Deleuze, 1988, p. 219). A superação da imagem dogmática implica a superação na escola do ensino dogmático. Entendendo que a base do pensar é afetiva, nesse sentido, haveria uma base comum (afetos/afecções) que atribui um papel facilitador à imaginação na aprendizagem, que implica na compreensão do pensamento como movimento, para além dos modelos prescritivos modulares do ensinar/aprender. De modo geral, não se enxergam nos desenhos, conversações, ações e perguntas das crianças, questões relacionadas com o plano de imanência de suas vidas em suas relações e diferenciações. Alunos são circunscritos ao modelo adulto, que não admite o devir-criança. O dogmatismo da “imagem do pensamento” se inscreve na escola pelas relações hierárquicas, pelos conteúdos tomados como “verdades”, pela despotencialização de imagens outras do pensamento, pela desconsideração do movimento característico do pensamento ainda não engessado das crianças. As crianças falam dos animais e objetos e se comovem com isso.



O desenho de Pedro não é representativo (imagem do brinquedo), mas afetivo. Ele é definido num agenciamento definido por uma lista de

afetos, ativos e passivos, em função desse agenciamento individuado do qual ele faz parte e que inclui: a professora, a sala de aula, a casa, a vizinhança, a rua, o direito à rua, a conquista ou não do direito de viajar de avião, de transportar seu avião, o orgulho, mas também os riscos dessa conquista. Não são fantasmas ou devaneios subjetivos: não se trata de imitar o brinquedo, de se "fazer" de *aviãopedro*, de se identificar com ele, nem mesmo de experimentar sentimentos de piedade ou simpatia. Não se trata tampouco de analogia objetiva entre os agenciamentos. Trata-se de saber se Pedro pode dar a seus próprios elementos relações de movimento e de repouso, afetos que o fazem devir piloto, independentemente das formas e dos sujeitos.

Há um agenciamento ainda desconhecido, mas que poderia ser potência para Pedro? O pensamento das crianças é potencializado em seu movimento? A escola perspectiva a experiência do pensamento como imagem e/ou modelo a ser reproduzido ou como movimento que desencadeia a aprendizagem inventiva? Essas são algumas das problematizações que propomos desencadear neste texto, entendendo-o também como uma experiência do pensamento em movimento.

REFERÊNCIAS

– DELEUZE, G. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

sobre o(a) autor(a):

Professora Associada do Departamento de Educação, Política e Sociedade da Universidade Federal do Espírito Santo.